

**O SANGUE:  
ROMANCE**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649096459

O sangue: romance by Camilo Castelo Branco

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.  
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

[www.triestepublishing.com](http://www.triestepublishing.com)

**CAMILO CASTELO BRANCO**

**O SANGUE:  
ROMANCE**




CAMILLO CASTELLO BRANCO

---

# O SANGUE

ROMANCE

  
TERCEIRA EDIÇÃO

1907

PARCERIA ANTONIO MARIA PEREIRA

Livraria editora e Officinas Typographica e de Encadernação

Movidas a electricidade

*Rua Augusta — 44 a 54*

LISBOA

---

1907

OFFICINAS TYPOGRAPHICA E DE ENCADERNAÇÃO

Movidas a electricidade

**Da Parceria Antonio Maria Pereira**

*Rua Augusta, 44, 46 e 48, 1.º e 2.º andar*

LISBOA

## INTRODUÇÃO

---

—Como tu estás conservado, homem!

Exclamou, n'um d'estes dias, o meu amigo Antonio Joaquim, encarando comigo, na revolta d'uma esquina.

—Nem pés de gallinha, nem calvo, nem bigode grisalho, os dentes todos!—proseguiu elle, encruzando os braços sobre a placida cornija do abdomen.

«Nem sequer duzentos kilos de toicinho, envolucro sujo com que a natureza veste os seus filhos maiores de quarenta annos, para que o alfaiate não possa jámais embonecal-os com as graças sedutoras d'um tisico sorvido pelos vampiros do amor!... E's invejavel! Pois convence-te de que és velho!

—Vinte annos ha que eu me convenci, amigo Antonio. Passados mais alguns, morri. Hoje, o que vês n'este arcaboço, é uma alma insepulta e penada que se offerece penitente e docil ás tuas injurias. Não espremas, comtudo, a esponja, meu amigo. Sabe que todas as pas-

sadas, que dou, vão na vereda escabrosa do meu calvario...

—Devo prevenir-te que não venho disposto para fazer via-sacra — atalhou o meu velho amigo. — Se vaes até ao calvario, faz lá recommendações ao mau ladrão, e diz-lhe que, se florescesse em Portugal, mil oitocentos e trinta e cinco annos depois, seria visconde de Gestas, visto que elle se chamava *Gestas*. Diz tambem a Dimas, ao bom ladrão, que os do nosso tempo todos são bons como elle, e por isso todos se salvam. E, se quizeres questionar com algum dos apostolos, caso lá os topes, diz-lhes que, presentemente, a gente graúda, á imitação de Christo, considera os bons ladrões dignos do céu; e que, desde o facto algum tanto reparavel de ser perdoado um salteador com prejuizo de terceiro, todos os salteadores «de sobrado alto», como lhes chama a *Arte de furtar*, são, sobre perdoados, honrados,—o que até certo ponto é christianismo progressivo.

—Então, como te vae? — atalhei eu, cortando a insulsa calumnia apontada ao brioso peito de muitos dos meus melhores amigos.

—Vae-me bem, não vês? Tenho esta grande barriga em que está sepultado o melhor do meu *eu* subjectivo, e tenho gôta n'este joanete do pé direito. Tu, pelos modos, és alma penada, e eu sou alma despennada, que é peor. Tu ainda sobes ao calvario e respiras ar desafogado, em quanto eu a custo me desatasco da lama. Em summa, estou velho...

—E rico?



—Tambem.

—E feliz?

—Feliz como um cerdo amarrado com uma corrente de ouro. Tu não sabes ainda o que é a felicidade da pobreza, homem! Não soubeste ainda abrir o thesouro em que a Providencia divina te remetteu o arnez impenetravel aos golpes da desgraça...

—Não sei... Terei eu lá em casa isso?!

—Tens, ingrato, se tens!... E? o trabalho.

—Ah!

—Esse *ah!* é alvar. O trabalho é como aquelle anjo que em fórma de pomba pairava sobre a face de Santo Adelino adormecido, para que os raios do sol não lhe acordassem os sentidos e a consciencia da dôr. O trabalho é um absinthe celestial, que suavemente embriaga e entorpece as faculdades cognoscitivas atormentadoras do infeliz ocioso. O trabalho é a compensação da pobreza...

—E a riqueza que é? uma calamidade que dispensa a pomba de Santo Adelino... não é?

—Se alguém ha ahi, até certa idade, verdadeiramente feliz por ella,—o que não creio— a riqueza é um abutre cruelissimo que principia a espicaçar o rico, assim que o espelho, e a dispesia, e as insomnias, e a indifferença das novas, e a consideração das velhas, e o commedimento dos rapazes em sua presença se conjuram para lhe dizer: «envelheces». Aqui tens o verdugo, que dá o laço ahi pelos quarenta e cinco annos, e aperta e arrocha, até aos setenta, até aos oitenta, prolongando-lhe o

supplicio, ao apuro de lhe fazer invocar a morte, execrar o ouro, amaldiçoar os homens e blasfemar de Deus.

—E que me dizes do pobre que, na tal idade das insomnias e dispepsias, carece de saúde para o trabalho e do trabalho para o pão de seus filhos?...

—Eu te digo:...

—Podes responder d'uma assentada a outra pequena duvida: se será mais infeliz o rico enfermo rodeado de filhos fartos, do que o pobre alanciado de suas dôres e dos olhos supplicativos de sua familia?

—Ahi vens tu com o estilo!... Se entras a commover-me, cessa o nosso debate que é todo philosophico e ouro puro de Droz, de Franklin e d'outros moralistas...

—Que moralisavam os desgraçados lá d'entre as cortinas adamascadas dos seus gabinetes, tapetados de alcatifas de tres pêllos... Se elles fossem os desvalidos, quem lhes ensinaria a moral da paciencia?

—Socrates, Philo, Jesus Christo, João Jacques Rousseau...

—Que sacrilega camaradagem!... Rousseau havia de ensinar os paes pobres a engeitar os filhos... Meu caro Antonio Joaquim, rico sei eu que estás; mas a tua philosophia não é a peça mais valiosa que possues. Eu não sei o que pôde ensinar-me Socrates nem Philo. De Christo sei tres palavras em latim e espero que no outro mundo os anjos m'as decifrem. *Beati qui lugent* «felizes os que choram» disse o amigo dos pobres. Como ninguem o tinha dito, nem escripto, nem pensado, a interferencia da divindade na desprezada condição dos in-

felizes começou na hora em que foram ditas as palavras «felizes os que choram». E quem as disse não podia ser mero homem... Em summa, se queres consolar algum engeitado da devassa fortuna, não lhe reprezes as lagrimas com o dique da philosophia; deixa-o chorar. Lá estão as estrellas que saem fóra do céu para levarem ao seu creador a relação das agonias que gemem de noite não vistas nem escutadas de alguém.

—Estás comigo...

—Mas não estou com o teu Rousseau.

—O meu Rousseau... não lhe chames meu, que eu não o tenho nem o li; citei-f'o por me parecer incrível que o não tivesses lido, andando elle nos alforges de todos os físicos que ungem de unguentos a lepra da humanidade. Pois tu imaginas que eu leio coisa nenhuma? Faz-me justiça, se queres que eu admire as tuas novellas sem as lêr... A proposito de novellas, lembrei-me ha dias de ti, n'um lance que me pareceu original...

—Um lance original!... —atalhei eu.— Coisa que dê um livro original!?

—Um livro? isso não sei; mas, se é verdade o que ouvi dizer de ti...

—Que ouviste dizer de mim?...

—Franqueza! Tu não te offendes, nem eu sei se é louvor, se offensa a censura: ouvi dizer que fazias dez livros originaes de uma idéa sem originalidade nenhuma. Isto é verdade?

—Parece-me que sim... Eu tenho calculado que a Providencia me concedeu dez idéas: foi prodiga comigo.